

BRASIL

Levantamento do **Correio** mostra que Carlo Ancelotti levou a dupla de zaga à exaustão e perdeu a confiança em Luiz Henrique. Titular antes da Copa, o ponta teve menos tempo em campo do que Neymar

Entre a estafa e a espera

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — Cinquenta dias depois da badalada convocação no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, a lista dos 26 jogadores escolhidos por Carlo Ancelotti expõe como o italiano distribuiu — ou concentrou — a carga de minutos na campanha do Brasil na Copa do Mundo. O levantamento do **Correio** mostra que o italiano montou um time, mas nunca confiou plenamente nos nomes do elenco da segunda pior campanha do país em 23 participações.

A Seleção jogou 520 minutos contra Marrocos, Haiti, Escócia, Japão e Noruega, incluindo acréscimos. Dos 26 chamados, três disputaram todas as partidas do início ao fim: Alisson, Marquinhos e Gabriel Magalhães. A manutenção do goleiro é natural. A exaustão da dupla de zaga, não. Carlo Ancelotti confiava apenas nos finalistas da Champions League: o capitão, campeão pelo Paris Saint-Germain, e o parceiro dele, vice com a camisa do Arsenal. Mesmo desgastados depois de entregar até a última gota de suor na temporada dos clubes, não foram substituídos. Os dois reservas, Bremer e Léo Pereira, não entraram em campo, uma sinalização de que Carlo Ancelotti só os acionaria em caso de emergência — lesão ou excesso de cartões.

Gabriel Magalhães, por exemplo, trouxe aos EUA o trauma do pênalti perdido na final da Champions League contra o PSG. O beque foi poupado no amistoso contra o Egito. Depois, não houve descanso. Contra a Noruega, travou duelo à parte com Haaland — e perdeu.

O **Correio** apurou que a primeira convivência mais longa com os jogadores fez com que Carlo Ancelotti perdesse a confiança em alguns escolhidos. Quando recebeu o elenco na Granja Comary, em Teresópolis, na Região Serra do Rio, o treinador completava um ano no cargo. Conhecia parte dos jogadores de observá-los da tribuna de honra dos estádios, no Brasil, no exterior e pela tevê, mas não do convívio diário, como se acostumou na vitoriosa carreira construída em clubes como Milan, Real Madrid, Chelsea, Bayern de Munique e PSG.

Isso ajuda a explicar a concentração de minutos em oito jogadores: Alisson, Gabriel Magalhães e Marquinhos, com 520 minutos; Douglas Santos (505); Vinicius Junior (505); Danilo (471); Bruno Guimarães (458) e Casemiro (420) acumularam mais de 400 minutos em ação (**Veja a lista completa no quadro ao lado**).

Na segunda linha, Rayan e Matheus Cunha superaram a barreira dos 300 minutos. O garoto de

Justin Setterfield/Getty Images via AFP



Primeira opção de Ancelotti para a ponta direita, Luiz Henrique perdeu espaço e só ficou em campo por pouco mais de meia hora durante toda a Copa

Minutagem			
Tempo que cada jogador ficou em campo nas cinco partidas (em minutos)			
Gabriel Magalhães	520	Raphinha	143
Marquinhos	520	Fabinho	95
Alisson	520	Danilo Santos	73
Vinicius Junior	505	Igor Matheus	65
Douglas Santos	505	Neymar	55
Danilo	471	Roger Ibañez	49
Bruno Guimarães	458	Ederson	38
Casemiro	425	Luiz Henrique	38
Rayan	327	Alex Sandro	15
Matheus Cunha	324	Bremer	0
Lucas Paquetá	255	Léo Pereira	0
Gabriel Martinelli	171	Ederson	0
Endrick	146	Léo Pereira	0

19 anos, sim, surpreendeu Carlo Ancelotti. Primeiro jogador nessa idade a iniciar uma partida de Copa como titular desde Tostão (1966) e Marco Antônio (1970), Rayan recebeu elogios depois da partida contra a Escócia, em Miami, pela fase de grupos.

“Jovem traz entusiasmo, energia diferente de veterano, que traz experiência, conhecimento. Uma equipe é uma combinação dessas coisas. Um jovem como Rayan, que tem a personalidade para jogar com 19 anos uma Copa do Mundo, com camisa do Brasil, é algo muito, muito importante. Significa personalidade, caráter e seriedade”, respondeu Carlo Ancelotti à pergunta do **Correio** na última rodada da primeira fase.

Menos do que Neymar!

O desempenho de Rayan no trabalho de blindagem ao lateral-direito Danilo virou um dos pontos do debate sobre a derrota do Brasil para a Noruega, no domingo. O setor ficou desprotegido depois da saída do garoto, e Endrick não manteve a pegada depois da entrada de Neymar no papel de falso 9.

Luiz Henrique foi convocado como primeira opção para a ponta-direita. Iniciou o amistoso contra o Panamá, no Maracanã, perdeu a posição para Lucas Paquetá contra o Egito e começou a Copa no banco contra Marrocos. Entrou durante a partida no lugar de Igor Thiago e não voltou mais. A lesão de Raphinha

parecia abrir espaço para o atacante, mas Luiz Henrique terminou a Copa com apenas 38 minutos em campo, menos do que Neymar (55), cuja convocação foi cercada por dúvidas sobre sua condição física.

“A eliminação dói. Faz parte de quem sonha grande. Mas, também, faz parte do esporte levantar-se, aprender e seguir em frente”, escreveu Luiz Henrique nas redes sociais depois da eliminação.

O setor direito foi o mais reinventado em 17 jogos com Ancelotti. Antes da Copa, o técnico perdeu Estêvão, Rodrygo, Vanderson, Éder Militão e Wesley. Durante o torneio, ficou sem Raphinha.

Outros três jogadores perderam espaço. O centroavante brasileiro Igor

“Dói muito”

O camisa 8 Bruno Guimarães foi às redes sociais para falar do pênalti que perdeu contra a Noruega, na partida que tirou o Brasil da Copa. “O futebol, que me deu tudo o que eu tenho, está sendo o responsável por me fazer sentir a pior dor dos meus 28 anos de vida. Perder o pênalti e ser eliminado nas oitavas é duro, sofrido, dói muito, mas será mais um obstáculo para superar. Tenho certeza de que, por pior que eu esteja me sentindo agora, tudo vai passar. Assumo a minha responsabilidade”, escreveu o volante do Newcastle.

Thiago começou a Copa como titular. Jogou 65 minutos e não voltou mais. Róger Ibañez era o lateral-direito na estreia contra Marrocos. Não entrou em campo depois daquele 13 de junho. Alex Sandro era o homem de confiança de Carlo Ancelotti para a lateral esquerda. No fim, teve oportunidade durante 15 minutos, o menos acionado entre os que pisaram no gramado.

A distribuição da minutagem ajuda a explicar parte da eliminação. Ancelotti encontrou um time, mas jamais consolidou um elenco. Quando surgiram lesões, queda física e necessidade de alternativas diante da Noruega, o treinador recorreu sempre aos mesmos jogadores — justamente os que chegaram mais desgastados ao momento decisivo da Copa.

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

Faltou apenas combinar com a Noruega

Dinheiro nunca foi problema para o Brasil buscar o hexa na Copa de 2026. Organização e futebol, sim. A premiação em caso de título estava definida desde a apresentação do elenco na Granja Comary, em Teresópolis, na Região Serrada do Rio. Houve negociação — e acordo financeiro rápido — da entidade com as principais lideranças de Carlo Ancelotti.

Apurei que a proposta aceita era a seguinte: se conquistasse o hexa, o Brasil teria direito a um prêmio em dinheiro pago pela Fifa no valor de US\$ 50 milhões, o equivalente, aproximadamente, a R\$ 258,6 milhões. O valor seria repartido da seguinte forma: 70% para os jogadores e 30% para a comissão e o restante do estafe de apoio. Todos ficaram felizes.

Como diria Mané Garrincha, “faltou combinar com os russos”. Neste caso, com os noruegueses. A eliminação nas oitavas de final, igualando a queda de 1990, na Itália, contra a Argentina, e a segunda pior campanha em 23 participações fizeram com que o teto da premiação batesse em US\$ 15 milhões, cerca de R\$ 77,5 milhões. A tabela refere-se às seleções posicionadas do nono ao 16º lugar entre os participantes das oitavas de final.

Havia outras decisões administrativas. Uma delas previa a ida ao Palácio do Planalto no caso de título, ou até mesmo do vice, como aconteceu em 1998. À época, a delegação esteve na capital depois da derrota por 3 x 0 para a França, em Saint-Denis. Os jogadores foram recebidos em 14 de julho daquele ano pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Apesar do clima causado pela declaração de Luiz Inácio Lula da Silva chamando Neymar de “primeiro convocado home office” do mundo, a CBF desejava cumprir o protocolo das conquistas anteriores, quando foi recepcionada pelo chefe de Estado de plantão. Diferentemente da gestão anterior. Em 2022, Tite e o elenco decidiram não ir ao Palácio do Planalto encontrar Jair Bolsonaro caso ganhassem a Copa. O Brasil foi eliminado nas quartas pela Croácia.

O sentimento na CBF é o de que entregou todo o conforto possível na tentativa de dar tranquilidade ao elenco na concentração, em Basking Ridge, e no CT do Red Bull New York, em Morristown. O reconhecimento é que faltou futebol devido ao ciclo jogado no lixo. Houve quatro técnicos diferentes. No campo político, dois presidentes (Ednaldo Rodrigues e o atual, Samir Xaud). Entre a saída de um e eleição do outro, o interventor José Perdz.

Justamente por isso, como mostrou a reportagem de ontem do **Correio**, os veteranos da Seleção, liderados pelo capitão Marquinhos, por Casemiro e pelo lateral Danilo, intercederam no vestiário a Samir Xaud e outros dirigentes por um ciclo estável para Vinicius Jr., Raphinha, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá, Endrick, Rayan, Estêvão, Rodrygo e outros nomes da safra buscarem o hexa com tranquilidade em 2030, quando a única seleção pentacampeão mundial completará 28 anos de abstinência na Copa.

Debandada de jogadores repete eliminação de 1990

Há 36 anos, o avião do Brasil partiu da Itália de volta ao país com oito jogadores do fracasso nas oitavas de final depois da eliminação por 1 x 0 contra a Argentina, em Turim. Bismarck, Alemão, Mauro Galvão, Mazinho, Mozer, Renato Gaúcho e Ricardo Gomes passaram pelo setor de desembarque do Aeroporto do Galeão, no Rio. O técnico Sebastião Lazaroni ficou na Europa para assinar contrato com a Fiorentina. Os outros 14 convocados desertaram — e irritaram o novo presidente da entidade. Ricardo Teixeira havia sido eleito em 1989 para a sucessão de Octávio Pinto Guimarães.

À época, Ricardo Teixeira não concordou com a permissão dada pelo administrador Américo Faria para o desmanche do elenco na Europa. Muller ficou em Turim, Bebeto e Romário seguiram para a Suíça, Branco seguiu de carro para Portugal, Dunga foi a Florença, Careca ficou em Nápoles, e Tite escolheu repousar em Ancona. Acácio,

Zé Carlos, Jorginho, Silas e Ricardo Rocha anteciparam o embarque de volta ao país.

Há semelhanças com o fiasco de 2026. Dois dias depois da derrota por 2 x 1 para a Noruega e da eliminação nas oitavas de final da Copa na América do Norte, uma aeronave fretada pela CBF decolou às 15h (de Brasília) do Aeroporto Internacional de Newark sem a mesma pompa voo da vinda. Não havia mais um grupo — e sim um único passageiro entre os 26 convocados. O lateral-direito/zagueiro Danilo retornou ao país acompanhado pelo goleiro Léo Nannetti, do sub-20 do Flamengo, convidado pela CBF para “estagiar” com Alisson, Ederson e Weverton. Os outros 25 deixaram a concentração em Basking Ridge na noite da eliminação.

Eleito presidente da CBF no ano passado, Samir Xaud autorizou a desativação da Seleção depois da derrota para a Noruega. A maioria do elenco tinha parentes

CBF/Divulgação



Sem glamour: Danilo foi o único jogador a voltar ao Brasil no avião da CBF

em Nova Jersey e em Nova York. Alguns deram início às férias. Outros, vinculados a times brasileiros, aproveitaram o recesso antes da reapresentação para a retomada

da temporada nacional — casos de Léo Pereira, Alex Sandro e Lucas Paquetá (Flamengo), Neymar (Santos), Weverton (Grêmio) e Danilo Santos (Botafogo).